

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO - CAC  
DEPARTAMENTO DE ARTES  
CURSO DE DANÇA/LICENCIATURA

ANDRESSA LAYSA QUEIROZ RIBEIRO

**DANÇA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO E BEM-ESTAR: UM ESTUDO SOBRE O  
IMPACTO DAS AULAS DE DANÇA NO COMPAZ IBURA(RECIFE)**

RECIFE - PE  
2025

ANDRESSA LAYSA QUEIROZ RIBEIRO

**DANÇA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO E BEM-ESTAR: UM ESTUDO SOBRE O  
IMPACTO DAS AULAS DE DANÇA NO COMPAZ IBURA(RECIFE)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Pernambuco, como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Graduação em Licenciatura em Dança.  
Orientadora: Ana Cristina Oliveira Marques

RECIFE - PE

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Ribeiro, Andressa Laysa Queiroz.

Dança como ferramenta de inclusão e bem-estar: Um estudo sobre o impacto das aulas de dança no COMPAZ Ibura (Recife) / Andressa Laysa Queiroz Ribeiro. - Recife, 2025.

39 : il., tab.

Orientador(a): Ana Cristina Oliveira Marques

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Dança - Licenciatura, 2025.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Inclusão Social e Dança. 2. Intergeracionalidade. 3. Diversidade. 4. Território. 5. Metodologias Inclusivas. 6. Políticas Culturais. I. Marques, Ana Cristina Oliveira. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

ANDRESSA LAYSA QUEIROZ RIBEIRO

**DANÇA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO E BEM-ESTAR: UM ESTUDO SOBRE O  
IMPACTO DAS AULAS DE DANÇA NO COMPAZ IBURA(RECIFE)**

Monografia de Conclusão de curso apresentada à Comissão Avaliadora como parte das exigências do curso de Graduação em Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pernambuco

DATA DA APROVAÇÃO

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

COMISSÃO AVALIADORA

---

Prof.Dra. Gabriela Santos Cavalcante Santana  
(Examinadora Titular Interna - UFPE)

---

Prof. Klarissa Faye  
(Examinadora Titular Externa)

---

Profa. Ana Cristina Oliveira Marques  
(Orientadora – UFPE)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me deu saúde, entendimento e vida, a minha família que sempre me apoiou e aos professores e professoras de dança que trabalham em contextos de comunidade.

## **Dança como ferramenta de inclusão e bem-estar: um estudo sobre o impacto das aulas de dança no Compaz do Ibura (Recife)**

### **Dance as a tool for inclusion and well-being: a study on the impact of dance classes at Compaz do Ibura (Recife)**

#### **Resumo**

Este estudo investiga o impacto das aulas de dança como ferramenta de inclusão social e promoção do bem-estar no COMPAZ Ibura, equipamento público situado em uma das maiores comunidades periféricas do Recife. A partir de uma abordagem qualitativa, utilizando entrevista semi estruturada coletada através de roda de diálogo com participantes jovens, adultos, idosos, neurodivergentes, professores e gestores, e a realização uma análise temática dos dados através de dois eixos principais. A dança demonstrou ser uma linguagem inclusiva potente, transcendendo barreiras etárias e cognitivas, enquanto a adaptação metodológica do professor revelou-se crucial para acolher diversidades corporais e cognitivas. Observa-se, contudo, que mesmo com as práticas sensíveis adotadas pelos educadores, ainda há uma lacuna na oferta de formações e referenciais pedagógicos que apoiem o trabalho com pessoas com deficiência, especialmente em contextos comunitários. Os resultados apontam impactos significativos no bem-estar: alívio do estresse acadêmico, redução de quadros depressivos, reabilitação de lesões, formação de redes de apoio espontâneas e transformação do espaço em referência emocional. Conclui-se que a experiência transcende a atividade artística, configurando-se como tecnologia social de cuidado que ressignifica noções de capacidade corporal; integra dimensões física, emocional e social numa perspectiva corporemente; e fortalece o capital social em territórios vulneráveis. Os achados reforçam a urgência de políticas públicas intersectoriais nas áreas de cultura-saúde-educação que reconheçam a dança como direito cultural e ferramenta de inclusão ativa, além de investirem em formações continuadas e diretrizes metodológicas que valorizem a escuta, a pluralidade e a potência dos territórios periféricos.

**Palavras-chave:** Território; Metodologias inclusivas; Políticas culturais; Inovação pedagógica.

#### **Abstract**

This study investigates the impact of dance classes as a tool for social inclusion and well-being at COMPAZ Ibura, a public facility located in one of Recife's largest peripheral communities. It uses a qualitative approach, using semi-structured interviews collected through discussion groups with young people, adults, seniors, and neurodivergent participants, teachers, and administrators, and a thematic analysis of the data along two main lines. Dance proved to be a powerful inclusive language, transcending age and cognitive barriers, while the teacher's methodological adaptation proved crucial to accommodating physical and cognitive diversity. However, it is observed that even with the sensitive practices adopted by educators, there is still a gap in the provision of training and pedagogical frameworks that support work with people with disabilities, especially in community settings. The results indicate significant impacts on well-being: alleviation of academic stress, reduction of depression, rehabilitation of injuries, formation of spontaneous support networks, and transformation of the space into an emotional reference. The conclusion is that the experience transcends artistic activity, configuring itself as a social technology of care that redefines notions of bodily capacity; integrates physical, emotional, and social dimensions from a body-mind perspective; and strengthens social capital in vulnerable territories. The findings reinforce the urgent need for intersectoral public policies in the areas of culture, health, and education that recognize dance as a cultural right and a tool for active inclusion, in addition to investing in ongoing training and methodological guidelines that value listening, plurality, and the power of peripheral territories.

**Keywords:** Territory; Inclusive methodologies; Cultural policies; Pedagogical innovation.

## SUMÁRIO

|                                                                   |           |
|-------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1.INTRODUÇÃO .....</b>                                         | <b>7</b>  |
| <b>2.METODOLOGIA .....</b>                                        | <b>10</b> |
| <b>2.1 Caracterização do local.....</b>                           | <b>11</b> |
| <b>2.2 Participantes da pesquisa.....</b>                         | <b>11</b> |
| <b>2.3 Instrumentos e procedimentos de coleta.....</b>            | <b>12</b> |
| <b>2.4 Organização dos dados e eixos temáticos.....</b>           | <b>12</b> |
| <b>2.5 Aspectos éticos.....</b>                                   | <b>13</b> |
| <b>3.RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>                              | <b>14</b> |
| <b>3.1. Dimensão da Inclusão e Pluralidade.....</b>               | <b>14</b> |
| <b>3.2. Dimensão do bem-estar físico, emocional e social.....</b> | <b>18</b> |
| <b>4.CONSIDERAÇÕES .....</b>                                      | <b>21</b> |
| <b>5.REFERÊNCIAS .....</b>                                        | <b>24</b> |
| <b>6. APÊNDICE A - TABELAS DE RESULTADOS DAS ENTREVISTAS.....</b> | <b>26</b> |
| <b>7. APÊNDICE B - NORMAS UTILIZADAS NO ARTIGO.....</b>           | <b>30</b> |
| <b>8. APÊNDICE C - ROTEIRO DE RODA DE DIÁLOGO .....</b>           | <b>34</b> |
| <b>9.APÊNDICE D - TCLE .....</b>                                  | <b>35</b> |
| <b>10.APÊNDICE E - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL .....</b>   | <b>37</b> |



# 1. Introdução

A dança, uma das mais fundamentais atividades humanas, organiza-se em padrões espaciais e rítmicos que transcendem a linguagem verbal, permitindo a exteriorização de sentimentos e a resignificação de experiências coletivas. Também conecta indivíduos e sociedades, operando tanto como arte performática quanto como ferramenta terapêutica e política (Paiva et al., 2021). Segundo Laban (1978), o movimento dançado é uma linguagem universal que integra corpo, espaço e emoção, reforçando seu papel na comunicação não-verbal e inclusiva.

Assim como outras expressões artísticas, a dança foi profundamente impactada pelas transformações culturais e tecnológicas do século XX. Rompendo com os códigos tradicionais da dança clássica e moderna, ela passou a ser compreendida não apenas como performance para plateias selecionadas, mas como um processo dinâmico de criação e significação (Gelves, 2008).

Ao longo da história, a dança se consolidou como uma expressão humana multifacetada. Diante disso, seus primeiros registros apontam para cerimônias religiosas e rituais coletivos, posteriormente realizados em manifestações artísticas e formas de entretenimento social (Oliveira et al., 2020). Na modernidade, essa prática transcende seu caráter cultural e passou a ser adotada também como atividade física, ganhando espaço em rotinas de promoção à saúde e bem-estar. Observa-se que, nesse contexto específico de exercitação corporal por meio da dança, há uma participação significativamente maior do público feminino, que demonstra particular interesse por essa modalidade de movimento (Oliveira et al., 2020).

No contexto educacional e social, que é o que se aborda neste trabalho, a dança configura-se como metáfora estruturante para pedagogias emancipatórias. A prática educativa libertadora, neste enquadramento, rejeita a lógica uniformizante em favor de uma "costura sob medida" que garanta a cada pessoa o estatuto de "primeiro bailarino". Essa abordagem opera mediante quatro gestos relacionais: acolher no contexto da abertura incondicional à singularidade; conhecer, na perspectiva da desconstrução de preconceitos; reconhecer, valorizando a alteridade; e dar a conhecer, por meio da visibilização de narrativas reconstruídas. Ancora-se no afeto e no cuidado para fomentar ligações humanas significativas, transformando a educação em ato político de libertação individual e coletiva (Macedo, 2024).

Sendo assim, a dança cria um espaço privilegiado de interação entre indivíduos em suas singularidades. Assim, emerge um exercício de cidadania, onde se desenvolvem competências fundamentais para a vida em sociedade: capacidade crítica para questionar padrões estabelecidos, reflexão sobre as próprias limitações e potencialidades, e criatividade para transcender barreiras pessoais e sociais (Batista et al., 2023). A dança transcende a mera expressão corporal, configurando-se como um espaço de diálogo entre subjetividades e coletividades (Medeiros et al., 2022).

No contexto deste trabalho, propomos uma abordagem da dança que congrega corpos diversos em idade, condição física e experiência, compartilhando o mesmo espaço e a mesma

metodologia. Essa escolha reforça a urgência de modelos pedagógicos estruturados, que ofereçam ao docente um percurso para a condução de práticas verdadeiramente inclusivas. Tal direcionamento torna-se ainda mais necessário quando a dança é concebida como política pública voltada ao empoderamento social, à democratização da cultura e à valorização da diferença. Mais do que uma linguagem estética, a dança assume aqui um papel estratégico na promoção do bem-estar físico e mental (Macedo, 2024).

Historicamente, no Brasil, a inserção de pessoas com deficiência na dança teve início em contextos de pesquisa e práticas terapêuticas, antes de adentrar o universo artístico. A transição do modelo clínico para a cena cultural consolidou-se a partir do reconhecimento institucional de grupos e artistas nos circuitos especializados das artes cênicas (Teixeira, 2016). Durante a década de 1990, a ideia de inclusão ainda era incipiente no vocabulário da dança, revelando o quanto esse campo percorreu, desde então, um caminho de resignificação e abertura (Benjamin, 2006).

A dança, torna-se espaço de insurgência simbólica, onde corpos historicamente marginalizados afirmam sua presença e reconfiguram paradigmas estéticos.

Como observa Teixeira (2018):

O corpo deficiente, ao emergir na cena, rompe com o modelo normativo e re-significa o lugar da dança e do humano, transformando a deficiência em potência criativa e gesto político.

Assim, a dança deixa de ser apenas performance e se converte em ferramenta de enfrentamento social e invenção de novas estéticas fundadas na pluralidade dos corpos e na radicalidade de sua existência. A inclusão, sob essa ótica, ultrapassa a mera presença física, se consolida por meio de interações que reconhecem e valorizam as diferenças. Essa compreensão está em sintonia com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, ratificada no Brasil com status constitucional, que introduz a deficiência psicossocial como categoria específica, incluindo pessoas com transtornos mentais estabilizados que enfrentam barreiras atitudinais. Tais barreiras, como o preconceito e o desconhecimento podem ser tão limitantes quanto as físicas, exigindo adaptações metodológicas nas atividades artísticas (Brasil, 2006).

Ao abordar a inclusão na dança, é necessário reconhecer que a diversidade não se restringe à deficiência física ou sensorial, mas inclui também os atravessamentos de gênero, raça, classe e faixa etária. É nesse horizonte que se insere a proposta da dança para o público Intergeracional, promovendo o encontro entre diferentes gerações de mães, filhas, avós ou grupos etários diversos por meio do movimento compartilhado. Essa abordagem não apenas favorece a convivência entre faixas etárias, como também estimula a troca de saberes, afetos e experiências entre os participantes. Reforça-se, assim, o papel da dança como catalisadora de vínculos sociais e sensibilidades plurais (Cruz-Ferreira; Alves; Pereira, 2020).

A dança, dentro do contexto da inclusão social, revela ainda seu potencial para enfrentar os obstáculos apontados por Sassaki (2012) em sua palestra: Conhecendo Pessoas com Deficiência Psicossocial. O autor identifica quatro eixos de barreiras que comprometem a participação plena: as atitudinais, expressas em preconceitos e expectativas reduzidas sobre

pessoas com deficiência; as metodológicas, traduzidas em práticas pedagógicas que ignoram a diversidade funcional; as arquitetônicas, representadas por espaços físicos inacessíveis; e as comunicacionais, relacionadas à ausência de adaptações nos processos informacionais.

Podemos observar que, Klauss Vianna (1999):

Sustenta que a dança deve ser adaptável às singularidades corporais, transformando essas diferenças em vocabulários criativos.

Essa visão corrobora a compreensão da deficiência como potência artística, abrindo espaço para uma pedagogia sensível. Em contextos comunitários, especialmente em projetos sociais, como é o caso do COMPAZ Paulo Freire, local em que esta pesquisa é realizada, a dança tem se consolidado como prática que mobiliza jovens e grupos diversos à participação social. A literatura sobre experiências culturais com juventudes aponta que a dança tem contribuição significativa, uma vez que pode promover a inclusão, o fortalecimento da identidade cultural e a construção de vínculos afetivos e solidários (Silva, 2017), além de, enquanto expressão artística e cultural, destacar-se como instrumento potente de inclusão social, promovendo autonomia, autoestima e superação de estigmas entre pessoas com deficiência (Sousa et al., 2024).

Como estratégia de combate ao preconceito, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Brasil, 2006), estabelece que:

A inclusão deve ocorrer mediante a participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. Tal princípio pressupõe, necessariamente, a convivência e a interação direta em todos os espaços sociais.

A vivência direta da dança em contextos comunitários contribui para desestabilizar estereótipos e gerar empatia, funcionando como contraponto a discursos sobre inclusão que permanecem apenas no plano teórico. As atividades artísticas e em especial a dança, tornam-se, assim, espaços privilegiados para interações naturalizadas. Isso ocorre tanto pelo caráter não verbal da prática, que reduz barreiras comunicacionais, quanto pela dinâmica coletiva da dança, que favorece a construção de vínculos horizontais (Lisboa, 2020).

A partir dessas reflexões, delineia-se o percurso da presente pesquisa, realizada no Compaz Ibura, equipamento público localizado na zona sul do Recife, que também foi campo de observação durante o Estágio 1 do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Nesse período, foram acompanhadas 30 horas de atividades, distribuídas entre turmas infantojuvenis e uma turma intergeracional, experiência que se mostrou decisiva para a formulação deste estudo. O Compaz Paulo Freire, cujo nome homenageia o educador pernambucano símbolo de uma pedagogia do diálogo e da emancipação, configurou-se como um verdadeiro laboratório social e cultural, espaço onde a dança emerge como prática transversal entre políticas públicas, arte e cidadania.

Criado com o intuito de promover a cultura de paz por meio da inclusão social, da educação e da convivência comunitária, o Compaz articula múltiplas dimensões do cuidado coletivo, oferecendo acesso gratuito a atividades esportivas, educacionais e artísticas em regiões

historicamente marcadas por vulnerabilidades socioeconômicas. Segundo a Prefeitura do Recife, o Centro Comunitário da Paz é uma estrutura inovadora voltada à prevenção da violência e à garantia de direitos, operando a partir de uma lógica intersetorial que une cultura, esporte, assistência social e justiça restaurativa em um mesmo território (Prefeitura do Recife, 2023). A dança se insere como um dos vetores da transformação social, funcionando como prática de resistência, expressão subjetiva e catalisadora de vínculos entre diferentes gerações.

Ao acolher corpos diversos em sua singularidade e dignidade, o Compaz se revela como um terreno fértil para o entrelaçamento de arte, inclusão e política pública. Nesse solo de possibilidades, germina a presente pesquisa, cuja força motriz reside em compreender como a dança pode ampliar horizontes de pertencimento, promover cidadania ativa e reencantar a vida cotidiana, sobretudo entre sujeitos historicamente invisibilizados.

O objetivo deste estudo é investigar o impacto das aulas de dança oferecidas no Compaz do Ibura, compreendendo-as como estratégias concretas de promoção do bem-estar físico, emocional e social. Busca-se responder de que modo a dança, enquanto prática coletiva e sensível, pode favorecer processos inclusivos em contextos marcados pela diversidade e pela desigualdade, contribuindo para a superação de barreiras sociais por meio de experiências artísticas compartilhadas.

Ao analisar práticas corporais em espaços comunitários como o Compaz Ibura, evidencia-se que a pluralidade etária, sociocultural e funcional dos participantes demanda mediações pedagógicas flexíveis e responsivas. Tais mediações não apenas transcendem os modelos tradicionais de ensino, mas reafirmam o potencial da dança como tecnologia social de cuidado, inclusão e transformação coletiva.

Sendo assim, o Compaz Ibura se configura como palco das proposições de Teixeira (2018), ao criar um ambiente em que corpos diversos, incluindo pessoas neuro divergentes, não apenas acessam a dança, mas a reconhecem como linguagem de criações e subversões. Aqui, limites se convertem em potência criativa e matéria-prima de reinvenção política e estética, deslocando o centro normativo para abrir espaço ao que é plural, sensível e insurgente.

## **2. Metodologia**

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, essencial para captar a riqueza dos significados e experiências dos participantes em relação às aulas de dança no Centro Comunitário da Paz (COMPAZ) Professor Paulo Freire, situado no bairro do Ibura, Recife (PE). Pesquisas qualitativas exploratórias são particularmente indicadas para investigar fenômenos complexos em contextos sociais e educacionais, pois ultrapassam a simples identificação de fatos para interpretá-los criticamente (Losch; Rambo; Ferreira, 2023). Essa abordagem permite a integração de múltiplos instrumentos de coleta, como entrevistas, observações e grupos focais, além de técnicas de análise que asseguram rigor científico e sensibilidade às sutilezas do contexto estudado.

## **2.1 Caracterização do local**

O COMPAZ Paulo Freire, inaugurado em março de 2024, é um equipamento público estratégico que integra a rede municipal dedicada à promoção da cultura de paz em territórios periféricos. Localizado no bairro do Ibura, uma das maiores comunidades da zona sul do Recife, o espaço atua como articulador de políticas públicas intersetoriais, oferecendo acesso gratuito a serviços sociais, culturais, educacionais e de cidadania. Inspirado em modelos internacionais de centros integrados de convivência, como as Bibliotecas Parque da Colômbia, o COMPAZ se consolida como um polo de inclusão social e redução das desigualdades, promovendo práticas comunitárias voltadas ao fortalecimento de vínculos, à prevenção da violência e à democratização do acesso à cultura e ao lazer (Recife, [s.d.]).

Sua gestão multissetorial pauta-se na valorização dos direitos humanos e na criação de oportunidades coletivas, priorizando os públicos em situação de vulnerabilidade social. Entre as atividades ofertadas, destacam-se oficinas de dança, música, esportes, mediação de leitura, cursos profissionalizantes, além de atendimentos psicossociais e mediação de conflitos. O COMPAZ também desenvolve ações voltadas ao protagonismo juvenil, à convivência intergeracional e ao reconhecimento das expressões culturais locais como ferramentas de transformação. Como destaca o documento oficial da Prefeitura do Recife, esse modelo busca integrar segurança e educação, cultura e saúde, num mesmo território (Recife, [s.d.]).

## **2.2 Participantes da pesquisa**

A pesquisa contou com a participação de dez pessoas, compondo um grupo diverso e representativo da comunidade atendida pelo COMPAZ Paulo Freire. Entre elas, estavam seis estudantes de dança, sendo quatro idosas, uma jovem e uma jovem com diagnóstico de autismo, uma mãe acompanhante, dois gestores do equipamento e o professor responsável pelas aulas. Essa composição permitiu uma escuta intergeracional e multifocal, envolvendo sujeitos com diferentes vivências, papéis sociais e relações com a dança. A presença de uma aluna neurodivergente, de mulheres idosas e de uma jovem evidencia a pluralidade corporal, geracional e experiencial que marca as turmas do COMPAZ, reafirmando sua vocação para o acolhimento da diferença e para a construção de vínculos comunitários. Essa configuração também possibilitou analisar a prática da dança sob múltiplos olhares, do participante, do educador e da gestão, ampliando a potência reflexiva e a riqueza da análise interpretativa.

O professor de dança do COMPAZ, e também diretor de uma escola de dança particular em Boa Viagem, Recife, é um dos talentos do balé clássico pernambucano. Formado e com experiência internacional na companhia Lamondance, no Canadá, traz para o COMPAZ sua trajetória singular. Revela que a dança entrou em sua vida por acaso, mas logo se tornou expressão da alma e compromisso artístico. Sua atuação articula técnica apurada, sensibilidade pedagógica e a luta contra preconceitos históricos envolvendo a presença masculina na dança.

Ele é também uma voz importante no estímulo à inclusão e à valorização das diversidades corporais e identitárias, imprimindo às aulas no COMPAZ um caráter profundamente transformador e emancipador. No COMPAZ, o professor tem experiência de sete anos e, no COMPAZ Paulo Freire, está há um ano, ministrando aulas de Balé e Jazz, ambas com turmas intergeracionais e diversificadas. Contudo, diante do baixo fluxo de participantes ao longo do ano, a direção do COMPAZ, em conjunto com o professor, decidiu unificar as turmas.

## **2.3 Instrumentos e procedimentos de coleta**

A escolha metodológica foi motivada pela necessidade de explorar as dimensões subjetivas e sociais envolvidas na prática da dança em turmas plurais, compostas por jovens, adultos, idosos e pessoas neurodivergentes. Para tanto, constituiu-se uma roda de diálogo que estimulou a construção compartilhada do conhecimento e a troca aberta de ideias. Essa metodologia dinâmica permitiu que as reflexões emergentes nas interações coletivas orientassem novas perspectivas analíticas, ampliando a compreensão dos fenômenos sociais no contexto investigado (Maria Campos Corrêa et al., 2021).

A pesquisa foi realizada em um dia dessa turma unificada, durante a aula de Jazz, às 9h45, em formato de roda de diálogo aberto. Esse formato proporcionou um espaço seguro para que todos expressassem livremente suas experiências e percepções sobre o impacto da dança em suas vidas. O encontro teve duração aproximada de uma hora, foi gravado, transcrito e as falas anonimizadas para garantir a confidencialidade dos participantes. Ao final, uma roda de compartilhamento permitiu que cada um sintetizasse, em poucas palavras, o significado da dança em sua trajetória.

## **2.4 Organização dos dados e eixos temáticos**

A organização dos dados coletados foi orientada por dois eixos principais, definidos de forma a responder ao objetivo geral deste trabalho: compreender os impactos das aulas de dança como ferramenta de inclusão social e promoção do bem-estar.

1) Eixo “Inclusão e Pluralidade”: neste eixo, a análise busca compreender como a dança promove interações entre participantes com diferentes perfis, incluindo jovens, adultos, idosos e pessoas neurodivergentes, favorecendo o acolhimento, o pertencimento e o reconhecimento das singularidades em um espaço coletivo. A proposta é investigar de que modo a prática da dança, inserida no contexto comunitário do COMPAZ Ibura, atua como uma ferramenta de inclusão ativa, que acolhe a diversidade e promove interações significativas em contextos marcados por desigualdades sociais e históricas. A dança, ao reunir corpos distintos em um mesmo espaço pedagógico, estimula a escuta mútua, a valorização da diferença e a formação de vínculos afetivos e solidários. Para Silva (2017), projetos sociais que envolvem a dança têm se mostrado eficazes na mobilização de jovens e outros grupos vulnerabilizados, ao promoverem vivências culturais que fortalecem a identidade e a participação comunitária. Sousa et al. (2024)

acrescentam que a dança, como prática inclusiva, tem o potencial de transformar estigmas em protagonismo, sobretudo quando aplicada com sensibilidade às diferentes condições corporais e cognitivas. Assim, este eixo contribui para identificar como os participantes se reconhecem na atividade, quais experiências de pertencimento são ativadas e que formas de convivência são fortalecidas a partir do movimento compartilhado.

2) Eixo “Bem-estar Físico, Emocional e Social”: este eixo se dedica a analisar os efeitos da dança sobre o corpo e as emoções dos participantes, com foco nas dimensões psicofísicas e subjetivas da experiência. São observados aspectos como autoestima, alívio do estresse, ampliação da disposição física, sensação de alegria e transformação do espaço da aula em um lugar de acolhimento e referência emocional. A dança é compreendida aqui como uma prática que integra corpo e mente, contribuindo tanto para o cuidado com a saúde quanto para a expressão de afetos e o fortalecimento da identidade. De acordo com Cruz-Ferreira, Alves e Pereira (2020), a dança pode promover ganhos significativos na qualidade de vida, sobretudo entre populações idosas, ao estimular o movimento, a interação social e a vitalidade emocional. Já Sousa et al. (2024) destacam que os efeitos da dança se estendem também ao campo da saúde mental, atuando na redução de quadros depressivos e no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento emocional. No contexto do COMPAZ Ibura, as falas dos participantes revelam a dança como um recurso terapêutico informal, capaz de mediar o cuidado de si, a coletividade e a reinvenção do cotidiano em territórios vulnerabilizados. Este eixo, portanto, permite compreender a prática da dança como uma tecnologia social de cuidado, que atua na promoção da saúde integral e na valorização do bem-estar em sua dimensão mais ampla e intersubjetiva.

A análise dos dados seguiu a metodologia da análise temática qualitativa, conforme proposta por Braun e Clarke (2006), com as narrativas organizadas em dois eixos temáticos definidos previamente. Esses eixos funcionam como categorias centrais para a codificação e interpretação dos dados, permitindo identificar padrões de sentido nas falas dos participantes. A leitura interpretativa foi articulada ao referencial teórico adotado, e a codificação foi realizada com base nesses dois núcleos analíticos, triangulando falas das entrevistas, observações de campo e literatura especializada, a fim de identificar consonâncias e dissonâncias nos discursos. Para validar a consistência das interpretações, um resumo das conclusões foi submetido a cinco participantes, que confirmaram a representatividade das análises apresentadas.

## **2.5 Aspectos éticos**

Por fim, o compromisso ético esteve presente em todo o processo, com a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a garantia de respeito e acolhimento às singularidades dos sujeitos envolvidos. Essa metodologia possibilitou a construção de uma narrativa coesa e original, que revela o potencial transformador da dança em contextos multidimensionais, destacando particularidades locais e assegurando rigor científico e ético à pesquisa.

### 3. Resultados e Discussão

A análise dos dados provenientes da roda de conversa realizada em 3 de abril de 2025, no COMPAZ Paulo Freire, bairro do Ibura, Recife, revelou-se um exercício de imersão nas múltiplas dimensões da experiência da dança no âmbito comunitário. Essa investigação qualitativa, ancorada nos dois eixos temáticos centrais do estudo, Inclusão e Pluralidade; e Bem-estar Físico, Emocional e Social, evidenciou que a dança se configura não apenas como prática corporal, mas como fenômeno social, afetivo e relacional de profunda complexidade.

As falas analisadas foram organizadas de acordo com esses dois eixos, conforme a tabela-resumo e a codificação temática. Ainda que muitas falas toquem em diferentes aspectos simultaneamente, a categorização respeitou a centralidade de sentido expressa pelos participantes, permitindo visualizar padrões, recorrências e tensões a partir do objetivo da pesquisa.

#### 3.1. Dimensão da Inclusão e Pluralidade

A experiência da roda de diálogo, realizada no centro da sala de dança do COMPAZ Paulo Freire, começou com os corpos dispostos em círculo, sinalizando desde o início uma prática horizontal e coletiva. Foi nesse espaço simbólico de partilha que se desenvolveu o primeiro eixo temático da escuta: Inclusão e Pluralidade. A pergunta lançada aos participantes, *“O que te fez procurar as aulas de dança no COMPAZ?”* desencadeou um fluxo de memórias, afetos e vivências que revelaram a multiplicidade de motivações e sentidos atribuídos à prática da dança no contexto comunitário. O que emergiu dessas falas não foi apenas o desejo de dançar, mas a necessidade urgente de mover-se no mundo com dignidade, alegria e pertencimento.

A primeira resposta, vinda de uma participante idosa, já anunciava o corpo como campo de memória e resistência:

*“Eu sempre gostei de dançar e atualmente fiquei um pouco entrevada, então eu quis dar continuação, para desentravar, que eu faço hidro também. Eu sempre gostei e melhora a vida da gente, né? Os nervos, os joelhos, a gente vai ficando ‘jovem’, vai encolhendo tudo e travando tudo e a gente tem que se movimentar para fazer o sacolejo.”* (M.N, participante idosa)

Outra idosa compartilhou seu percurso a partir de uma experiência emocional delicada:

*“É... eu procurei aqui quando eu estava com começo de depressão, quando eu vim saber o que era que tinha, soube que tinha Jazz, eu me matriculei logo, porque aos 15 anos eu fiz jazz e dança de salão, então eu amo dançar. Por eu ter feito antes e ter gostado muito, foi uma alegria pra mim, voltar a dançar, que é uma coisa que eu gosto muito.”* (J.G, participante idosa)

Essa mesma participante complementa em outro momento:

*“Inclusive até tinha falado pro professor, para incluir dança de salão porque é muito bom, não tem idade, todo mundo pode fazer, o jazz também, isso faz com que a gente conheça novas*

*peessoas, fique interagindo, sabendo que todo mundo tem um limite mas pode fazer. Aí é muito bom, porque você fica mais alegre e disposta em casa, com música, pra autoestima da gente é bom.”*

Já a participante adulta P.D. compartilha uma visão filosófica sobre o papel da dança no cotidiano:

*“Eu acho assim, que a dança faz parte da gente desde pequeno, tanto que quando a gente é pequeno qualquer batuque que escuta já quer se requebrar, a realidade é essa né? A dança já faz parte do cotidiano da vida da gente. Aí assim, a gente vai despertando o que a gente deseja em relação à dança, se quer ficar ou se quer sair. No meu ver a dança é uma coisa prazerosa, a gente se sente mais elevada no geral.”* (P.D, participante adulta)

Outra fala potente veio de uma idosa que relacionou fé, recuperação física e acolhimento institucional:

*“No meu caso foi o seguinte, eu já dançava antes, mas era dança como adoradores de louvores na Igreja, desde 2002 que eu adoro ao Senhor com danças, tive que me afastar por conta de um problema no joelho que adquiri por conta de uma queda. Vim fazer minha matrícula no Compaz, aí perguntei - Aqui tá tendo o quê? Aí ela disse: - Tem ballet e Jazz! Mas eu não me identifico com ballet então eu faço Jazz, tive uma melhora absurda no joelho, conheci um novo grupo de pessoas, o professor desenvolve um trabalho maravilhoso e o acolhimento que o COMPAZ passa pra gente é tremendo, e esse acolhimento melhora nossa autoestima. O ponto X foi essa melhora no joelho, eu me sentia travada, mas me deu uma alegria fazer as aulas e ver que meu corpo melhorou.”* (J.G, participante idosa)

A jovem R.B. revelou outra perspectiva, ligada ao cotidiano acadêmico e à busca por equilíbrio emocional:

*“Então, o que me fez começar a dança aqui foi a necessidade de atividades que enriquecem a minha vida, porque eu era uma pessoa muito mais focada na vida profissional e acadêmica e quando abriu o COMPAZ foi no momento da greve da UFPE, eu estava precisando de atividades que me trouxesse bem-estar e satisfação. Então quando encontrei a dança aqui já era algo que tinha interesse, pois já tinha praticado ballet e foi isso que me motivou a estar aqui.”* (R.B, participante jovem)

Também emergiu o papel da dança como mediação afetiva e cuidado parental:

*“A médica disse que ela precisava fazer atividades para socializar mais e também gastar energia, quando passa um dia da aula de dança, ela já fica perguntando: - ‘Mainha, é hoje, é?’ ‘Eu vou quando?’. Ela faz atletismo na Rural e toda quinta a gente vai pra lá, essas atividades me deixam muito feliz e satisfeita.”* (C.B, mãe de participante)

Por fim, a jovem autista sintetizou a motivação com uma fala breve e impactante:

*“Eu procurei a dança para me sentir livre.”* (B.M, participante jovem autista)

Essas falas encontram respaldo em Boschi (2022), ao refletir sobre as "micro-organizações do corpo" em pessoas com deficiência invisível e a urgência de espaços de escuta sensível. A

autora defende que as vivências corporais são atravessadas por múltiplas camadas subjetivas, que nem sempre são visíveis aos olhos de quem ensina. Por isso, a inclusão verdadeira não pode se limitar à presença física no espaço, mas exige uma pedagogia do cuidado, capaz de reconhecer que cada corpo sente, aprende e reage de modo singular. A dança, precisa ser mais do que uma sequência coreografada: deve ser compreendida como processo aberto, relacional e acolhedor, em que o gesto nasce da escuta e da afetação.

Essa perspectiva se alinha à crítica da padronização técnica, muitas vezes dominante nos métodos tradicionais de ensino da dança. Boschi argumenta que práticas baseadas em “corpos ideais” invisibilizam dores, limites e modos de expressão alternativos, produzindo exclusões silenciosas mesmo em ambientes considerados abertos. Tais exclusões ficam ainda mais graves quando envolvem corpos dissidentes, como aqueles atravessados por deficiências invisíveis, questões de saúde mental ou experiências interseccionais de opressão. No caso do COMPAZ, essas exclusões não se manifestam como barreiras explícitas, mas como tensões pedagógicas não nomeadas, exigindo do professor sensibilidade redobrada e constante adaptação sem apoio institucional consolidado, uma crítica já apontada.

Teixeira (2016, 2018):

Reforça essa lógica ao propor uma ruptura com o imaginário clássico da dança enquanto expressão exclusivamente técnica, centrada na perfeição formal e na uniformidade. Para a autora, a presença do corpo deficiente na cena contemporânea da dança tensiona os padrões estéticos normativos e amplia as possibilidades de criação e percepção. Ao deslocar o olhar hegemônico sobre o que pode ou não dançar, esses corpos abrem espaço para uma estética da experiência, em que o gesto é construído a partir da vivência, da memória e da diferença.

No contexto desta pesquisa, essas contribuições teóricas são fundamentais para compreender as falas como testemunhos corporais da exclusão e da reinvenção. As participantes não reivindicam a técnica clássica ou a performance padronizada: reivindicam o direito de se mover no próprio tempo, com os próprios limites e desejos. É assim, que o COMPAZ se revela um território fértil, ainda que desafiador, pois oferece espaço, mas ainda carece de diretrizes metodológicas inclusivas. Reconhecer esse paradoxo é essencial para avançar em políticas públicas que considerem a dança não como instrumento de rendimento, mas como uma linguagem viva de pertencimento, cuidado e emancipação.

As experiências compartilhadas durante a roda de diálogo encontram também respaldo na literatura acadêmica, que tem apontado a dança como estratégia potente no enfrentamento de estigmas e na valorização da diversidade. Cruz-Ferreira et al. (2020):

Destacam os benefícios físicos e cognitivos da prática regular da dança, sobretudo entre idosos, como a melhora da coordenação motora, da vitalidade e da consciência corporal. Esses aspectos são evidentes nos relatos de participantes que associam o “sacolejo” à recuperação de mobilidade e ao prazer de manter o corpo em movimento, mesmo diante das limitações impostas pelo envelhecimento.

Em consonância, Oliveira et al. (2020):

Reforçam que a dança pode atuar como mediadora da saúde mental, contribuindo para a elevação da autoestima e redução de sintomas depressivos por meio da liberação de serotonina e do fortalecimento da autoimagem. Tal perspectiva dialoga diretamente com os depoimentos que narram o reencontro com a alegria, o alívio emocional e o sentido de pertencimento que se instauram no espaço da aula.

Além dos efeitos individuais, Seki (2020):

Propõe compreender a dança como uma tecnologia social de cuidado que, ao integrar dimensões físicas, subjetivas e relacionais, acolhe sujeitos atravessados por diferentes vulnerabilidades.

No contexto do COMPAZ, essa proposta ganha corpo nas interações espontâneas, nos vínculos afetivos construídos e na reconfiguração simbólica do espaço que passa de “sala de aula” a território de cura e convivência. Essa escuta sensível, que reconhece a diversidade como princípio ético, é também orientada pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece diretrizes específicas para pesquisas com populações em contextos de vulnerabilidade. Ao adotar metodologias baseadas no diálogo, no cuidado e na valorização da experiência vivida, como foi feito nesta pesquisa, reafirma-se o compromisso com uma produção de conhecimento situada, ética e socialmente comprometida.

Apesar do impacto transformador percebido nas falas, os relatos também revelam que a pluralidade presente nas turmas ainda demanda atenção mais aprofundada no campo pedagógico. Embora o ambiente do COMPAZ seja reconhecido como um espaço de acolhimento e valorização da diversidade, o desafio de lidar com diferentes condições corporais, subjetividades e ritmos de aprendizagem ainda recai, muitas vezes, exclusivamente sobre a experiência e a sensibilidade do professor.

Como afirmam Batista, Brisola e Gomes (2023):

A inclusão real vai além do acesso físico e exige escuta ativa, adaptação e construção conjunta de práticas que respeitem e potencializem a diversidade dos sujeitos. Trata-se menos de seguir modelos prontos e mais de cultivar pedagogias abertas à multiplicidade, à escuta e ao cuidado, especialmente em contextos comunitários marcados por trajetórias de exclusão histórica.

O eixo Inclusão e Pluralidade revela que a dança, no COMPAZ, atua como uma potente tecnologia social de cuidado, capaz de romper silêncios, desestabilizar normas e coreografar novos modos de existir em coletivo. É no entrelaçamento entre gesto, afeto e escuta que cada corpo encontra espaço legítimo para pertencer e criar. Avançar nesse caminho implica reconhecer e fortalecer o trabalho já realizado, ao mesmo tempo em que se amplia o diálogo entre arte, educação, saúde e cultura, para que mais sujeitos possam acessar, com liberdade e dignidade, experiências como essa.

### 3.2. Dimensão do bem-estar físico, emocional e social

Na segunda rodada da roda de diálogo, direcionada aos participantes da aula de dança no COMPAZ Paulo Freire, a provocação lançada foi: *“Em dias difíceis, a dança te ajuda a lidar com algo?”* As respostas, embora em tom contido por alguns, revelaram um consenso tácito sobre o poder da dança no enfrentamento das adversidades cotidianas, evidenciando impactos diretos na saúde física, no estado emocional e no fortalecimento de vínculos afetivos e comunitários.

R.B., participante jovem, relatou:

*“Sim, tira o foco dos problemas, quando a gente vem pra cá precisa dar atenção à aula de dança.”*

J.G., participante idosa, complementou:

*“Aqui você esquece dos problemas, é uma atividade que exige atenção né?”*

*“A dança liberta você de problemas.”*

Essas falas evidenciam a dança como mecanismo de deslocamento cognitivo e emocional, especialmente relevante em contextos de vulnerabilidade social. Quando as participantes relatam que “esquecem dos problemas” ou “se sentem livres”, não estão apenas descrevendo uma distração momentânea, mas sim vivenciando um processo de reorganização afetiva e subjetiva. Conforme explicam Oliveira et al. (2020), atividades rítmicas como a dança redirecionam o foco atencional para o presente, estimulando a liberação de neurotransmissores como serotonina e dopamina, associados ao bem-estar e à redução do estresse.

Além disso, como afirmam Cruz-Ferreira, Alves e Pereira (2020):

A prática corporal regular ativa circuitos sensório-motores e contribui para a regulação emocional, com efeitos significativos sobre a saúde mental e a cognição, sobretudo entre pessoas idosas, que enfrentam processos naturais de declínio funcional. O envolvimento em atividades como a dança estimula a neuroplasticidade, melhora o equilíbrio, a coordenação motora, e, ao mesmo tempo, sustenta sentimentos de pertencimento e utilidade social, o que é essencial para a manutenção da autoestima nessa faixa etária.

A dança torna-se mais do que um exercício físico ou uma prática artística: ela se revela como uma tecnologia de cuidado, um recurso acessível, sensível e coletivo para reencantar o cotidiano, reduzir os impactos do sofrimento psíquico e reconstruir vínculos sociais e consigo mesmo. Trata-se, portanto, de um dispositivo intersubjetivo de saúde, que articula o corpo, a escuta e a cultura em benefício da dignidade de existir.

J.G. também compartilha:

*“Eu faço Jazz, tive uma melhora absurda no joelho, conheci um novo grupo de pessoas, o professor desenvolve um trabalho maravilhoso e o acolhimento que o COMPAZ passa pra gente é tremendo, e esse acolhimento melhora nossa autoestima. O ponto X foi essa melhora no joelho, eu me sentia travada, mas me deu uma alegria fazer as aulas e ver que meu corpo melhorou.”*

Nesse trecho da escuta, evidencia-se como a prática da dança contribui para o eixo do bem-estar físico, emocional e social, atuando não apenas no alívio de dores e limitações, mas

também no fortalecimento da autoestima e da identidade. O relato de J.G., participante idosa, sobre a melhora no joelho e a alegria em perceber essa evolução corporal, revela que o movimento dançado pode funcionar como um recurso concreto de reabilitação e retomada do prazer em se mover.

Seki (2020):

Compreende a dança como um modulador psiconeuromotor, isto é, uma prática capaz de estimular articulações, reativar musculaturas que estavam travadas ou adormecidas e reduzir sintomas depressivos, por meio da regulação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HPA), responsável pela produção de cortisol, hormônio associado ao estresse crônico. Essa compreensão ajuda a explicar por que, em contextos como o COMPAZ, participantes relataram se sentirem “mais leves”, “alegres” e “menos travados” após as aulas.

Esse bem-estar relatado não é apenas fisiológico: ele também expressa um sentimento de pertencimento e valorização. O corpo, muitas vezes marcado por dores, diagnósticos ou julgamentos, passa a ser reconhecido como capaz de aprender, criar e se conectar com os outros. A prática da dança, ao respeitar os limites e possibilidades de cada participante, promove cuidado sem padronização, autonomia sem exigência de performance. Ao se movimentar, cada pessoa reafirma sua presença e sua história, não como exceção, mas como parte legítima do coletivo.

P.D., participante adulta, amplia essa compreensão ao dizer:

*“Dança já faz parte do cotidiano da vida da gente. Aí assim, a gente vai despertando o que a gente deseja em relação à dança, se quer ficar ou se quer sair. No meu ver a dança é uma coisa prazerosa, a gente se sente mais elevado no geral.”*

Sua fala revela uma percepção profunda da dança como algo que transcende o exercício físico ou a técnica. Para além do gesto, o que está em jogo é uma experiência afetiva, ligada à sensação de elevação emocional e bem-estar. Ao dizer que “a dança já faz parte do cotidiano da vida da gente”, P.D. aponta para a familiaridade do corpo com o movimento, desde a infância, e para a potência da dança como parte das relações com o mundo, com o outro e consigo mesma.

Essa ideia dialoga diretamente com o eixo do bem-estar físico, emocional e social, pois trata do modo como o corpo encontra, na dança, um espaço de prazer, liberdade e reconstrução subjetiva. A sensação de “se sentir mais elevado” expressa essa elevação não como algo místico ou distante, mas como um estado ampliado de presença, autoestima e conexão consigo.

De acordo com Santos (2019):

O movimento na dança atua como linguagem não verbal que organiza afetos, significados e identidades. Essa linguagem sensível transforma o corpo em lugar de expressão e escuta onde os gestos, mesmo os mais sutis, comunicam vivências que, muitas vezes, não encontram palavras. A dança torna-se um território acolhedor para o sofrimento, e também um campo de reinvenção do cotidiano, especialmente em contextos comunitários como o COMPAZ.

A gestão do COMPAZ também compartilhou percepções importantes. Segundo P.C.,

*“Acho que a dança é uma das principais atividades físicas que trabalha corpo e mente, é uma atividade muito procurada pela população. Porque acho que não é uma terapia, mas é terapêutico. Então ela mexe com o espírito, mexe com a mente e além disso tudo ela está mexendo com nosso corpo, trazendo bem-estar, qualidade de vida.”*

Essa fala evidencia um entendimento integrado do corpo, das emoções e da vida comunitária, em consonância com o eixo do bem-estar físico, emocional e social. Ao afirmar que “a dança mexe com o espírito, com a mente e com o corpo”, a gestora reforça que a prática mobiliza aspectos que extrapolam o campo da saúde física, alcançando a dimensão afetiva, simbólica e relacional dos sujeitos. A dança pode ser compreendida como tecnologia social de cuidado, pois oferece suporte ao cotidiano das pessoas, sem recorrer a práticas normativas ou medicalizantes.

De acordo com Batista, Brisola e Gomes (2023):

A dança, quando inserida em contextos comunitários, atua como território de reconstrução identitária, sobretudo para sujeitos historicamente atravessados por exclusões. Ela acolhe corpos diversos, reconhece subjetividades e permite que cada pessoa ative modos singulares de estar no mundo, em diálogo com o outro, com a coletividade e com o próprio corpo.

Essa abordagem é respaldada pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que orienta práticas de pesquisa e intervenção em comunidades baseadas em escuta ativa, acessibilidade, metodologias participativas e respeito às singularidades. O COMPAZ, não apenas oferece a dança como atividade, mas cria condições para que ela seja vivida como direito, como política pública e como experiência transformadora.

V.P., também integrante da gestão do COMPAZ, compartilha observações sensíveis sobre os efeitos da dança no cotidiano dos participantes:

*“Temos pessoas idosas que vêm pra cá se divertir, fazer amigos, cuidar da saúde. Já relataram pra gente que estavam em depressão, a gente tem um caso que uma pessoa perdeu o marido, estava em casa isolada e que veio pra cá e hoje diz ser outra pessoa. A dança provoca um bem-estar completo, físico e mental.”*

A fala de V.P. corrobora os relatos dos próprios participantes e reforça a percepção da dança como prática que articula corpo e subjetividade. A superação do isolamento, o reencontro com a alegria e a reconstrução de vínculos sociais aparecem aqui como dimensões fundamentais do bem-estar integral promovido pela prática. Como apontam Cruz-Ferreira, Alves e Pereira (2020), a dança, especialmente entre pessoas idosas, amplia a vitalidade, estimula o convívio e promove ganhos concretos na saúde física e mental.

Essa leitura é reafirmada pela fala de C.B., mãe de uma participante, que revela como a dança também impacta os vínculos familiares e a rotina de cuidado compartilhado:

*“Quando passa um dia da aula de dança, ela já fica perguntando: ‘Mainha, é hoje, é?’ ‘Eu vou quando?’. Ela faz atletismo na Rural e toda quinta a gente vai pra lá, essas atividades me deixam muito feliz e satisfeita.”*

Diante disso, a dança ultrapassa o espaço da aula e se estende à vida cotidiana da família, funcionando como um eixo organizador da semana, fonte de expectativa positiva e expressão de afeto. A experiência não se limita à aluna, mas envolve também a mãe, que se sente acolhida e fortalecida pela participação da filha nas atividades. Essa escuta ativa da família reforça a compreensão da dança como espaço de apoio emocional, fortalecimento de laços e acolhimento às diferenças, em consonância com a Resolução nº 510/2016 (CNS).

Por fim, a jovem participante B.M., com diagnóstico de autismo, sintetiza com profundidade a dimensão subjetiva dessa vivência:

*“Eu procurei dança pra me sentir livre.”*

Essa breve declaração concentra sentidos potentes: a dança representa um território de liberdade, onde o corpo encontra expressão plena, sem julgamentos ou limitações externas. A liberdade não é abstrata, é corporal, relacional, emocional.

Como afirmam Santos (2019) e Teixeira (2016):

O gesto dançado pode ser uma forma de resistência às normatizações e um meio de afirmar a existência com dignidade.

A partir dessas vivências, compreende-se que o bem-estar gerado pela dança no COMPAZ não se restringe à dimensão individual. Ele se manifesta no fortalecimento da autoestima, na ampliação das redes de cuidado, no senso de pertencimento e na construção coletiva de um espaço onde todos podem existir em sua singularidade. Sob essa perspectiva, a dança atua como linguagem de acolhimento, ferramenta de reconstrução cotidiana e tecnologia social que transforma trajetórias pessoais em experiências coletivas de cuidado e resistência.

#### **4. Considerações**

Os diálogos construídos no COMPAZ revelam que a dança, em seu cerne, é uma ponte entre o individual e o coletivo. Pelas narrativas dos participantes, percebe-se que cada passo, cada coreografia, carrega histórias de resiliência: idosas que redescobrem a mobilidade, jovens que transcendem barreiras emocionais, mães que resgatam autoestima e crianças que aprendem a habitar seus corpos com confiança. Longe de ser um mero exercício físico, a prática se mostra um ritual de reconexão, onde fragilidades são transformadas em potências, e o espaço comunitário se torna palco para narrativas pessoais que se entrelaçam em um mosaico de esperança.

Em vista disso, a dança revela-se também como uma tecnologia social, nos termos de Bordenave (1977) e Gohn (2011), por sua capacidade de gerar soluções criativas, coletivas e emancipadoras para desafios sociais complexos. Diferentemente das tecnologias industriais ou tecnológicas, que operam sob lógicas de mercado e produtividade, as tecnologias sociais nascem do território, emergem da escuta das comunidades e promovem a transformação pela participação. A dança, nesse âmbito, é prática ancestral e contemporânea que integra saberes, corporeidades e afetos, ativando potências que atravessam o estético, o educativo e o político.

A experiência no COMPAZ Paulo Freire comprova esse potencial: ali, corpos plurais, marcados por gênero, idade, neurodivergência, raça e classe dançam não só para existir, mas para resistir, comunicar e criar sentido. A sala de aula se torna laboratório de subjetividades e o gesto coreográfico, uma enunciação identitária.

Como afirma Lisboa (2020):

Ao ocupar o centro do espaço público com seus corpos historicamente marginalizados, os sujeitos reescrevem narrativas de pertencimento e rompem com silenciamentos institucionais.

Reconhecer a dança como tecnologia social exige, portanto, ultrapassar o discurso da arte como acessório e afirmar a dança como área de conhecimento legítima e indispensável à formação integral do ser humano. Trata-se de entender o corpo não apenas como suporte da técnica, mas como território de saberes, memórias e insurgências.

É preciso praticar uma “pedagogia sensível” que acolha os ritmos e processos de cada sujeito, e não os padronize (Santos, 2019). A dança, nessa chave, torna-se espaço de liberdade, onde a escuta, a invenção e o erro são componentes do aprendizado.

Contudo, apesar da potência inclusiva perceptível nas práticas do COMPAZ, observa-se a necessidade de metodologias mais dialógicas com a diversidade de corporeidades presentes. Como destacam Batista, Brisola e Gomes (2023), inclusão não é apenas acesso físico: requer escuta ativa e práticas adaptadas às especificidades de cada corpo. A predominância de certos estilos, como o jazz, embora potente, pode limitar a expressão de danças que acolham outras temporalidades, sobretudo de pessoas com deficiência, mobilidade reduzida ou vivências sensoriais não normativas.

Esse reconhecimento, no entanto, precisa ser institucionalizado por meio de políticas públicas estruturantes. Concursos públicos municipais para profissionais da dança, por exemplo, apontam para avanços nesse sentido, ao consolidar a presença da dança nas redes públicas e garantir a continuidade de ações que já se mostraram transformadoras. Mas ainda é necessário ampliar esse horizonte, com mais investimento, mais espaços equipados, mais editais descentralizados e mais formação crítica para gestores, artistas e educadores.

A experiência do Ibura, portanto, desafia estereótipos sobre comunidades periféricas e evidencia que a dança pode e deve ser um instrumento de justiça social. A disciplina das crianças com seus “coquezinhas prontos”, a entrega das mães nas aulas, a coragem das idosas em reinventar-se por meio do movimento e a presença potente de pessoas neurodivergentes não são exceções; são sinais do que pode florescer quando se investe em dignidade, cultura e pertencimento.

Por fim, e se esse mesmo espaço, que tão bem acolhe corpos plurais, também abraçasse as danças que já nascem dessas comunidades? O passinho que vibra nas vielas, o samba de roda que ecoa nos quintais, o maracatu que pulsa nas veias da cidade, todas essas linguagens também são tecnologias sociais e epistemológicas do corpo. Não se trata de substituir o balé ou o jazz, mas de ampliar o repertório e honrar as raízes que habitam o chão onde se dança.

Investir na dança como política pública não é um gesto simbólico, mas um compromisso com a democracia cultural. A invisibilidade de corpos historicamente excluídos só é rompida quando suas práticas são reconhecidas como saberes legítimos e suas demandas se tornam prioridade institucional. No caso do COMPAZ Paulo Freire, a dança provou ser um direito que liberta, inclui e transforma. Cabe agora ao poder público assumir essa lição e transformá-la em ação contínua e estruturante, garantindo que mais corpos, em mais comunidades, possam dançar não apenas para sobreviver, mas para viver, com beleza, com liberdade e com sentido.

Ao final, a dança vivida no COMPAZ se afirma como direito, como ciência e como poesia. Ela não apenas atua sobre o corpo: ela o emancipa. E, ao fazê-lo, inaugura novos modos de viver juntos, onde a beleza não é privilégio de poucos, mas potência compartilhada por todos.

## 5. Referências

- BATISTA, Nídia; MARIA ANDRADE BRISOLA, Elisa; GOMES, Celso Augusto dos Santos. **Dança e inclusão social: limites e possibilidades**. Interação - Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 50–65, 2023. DOI: 10.33836/interacao.v25i1.774. Disponível em: <https://ojs.periodicos.unis.edu.br/interacao/article/view/774>. Acesso em: 4 abr. 2025.
- BENJAMIN, A. Dança e Diferença: **A Inclusão em Cena**. São Paulo: Palas Athena, 2006
- BOSCHI, Cássia Natiele Silva Durães. **Deficiência invisível no ensino de dança**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2022. Orientadora: Marisa Martins Lambert.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, seção 1, p. 44-46, 24 maio 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/sob>. Acesso em: 3 abr. 2025.
- BRASIL. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Nova York: Organização das Nações Unidas, 2006. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/714\\_1.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/714_1.pdf). Acesso em: 3 abr. 2025.
- CARBONE, Patrícia Oliva; REIS, Celso de Jesus. **Educação física: Ideal para Trainers**. 1. ed. São Paulo: Mundial, 2015.
- Cruz-Ferreira, A.; Alves, M.J.; & Pereira, C. (2020). **A Dança: uma prática para a pessoa idosa**. In: Mendes, F., Pereira, C., & Bravo, J. (Ed. UÉ). Envelhecer em Segurança no Alentejo. Compreender para agir. ISBN: 978-989-99122-9-8. Évora, PT
- CARVALHO, Izadora Teles. **Inclusão: a dança como possibilidade no âmbito escolar**. 2022. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física - Licenciatura) – Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2022.
- GELVES, Adriana de Faria. *\*Corpo-dança-educação\**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. (Coleção Horizontes Pedagógicos).
- GONDIM, S. M. G. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300004>. Acesso em: 3 abr. 2025.
- LABAN, R. **The Mastery of Movement**. Plymouth: Macdonald & Evans, 1978.
- LISBOA, Maria Fabiana de Lima Santos. **A deficiência e o preconceito: uma visão histórica e atual sobre a pessoa com deficiência**. Cadernos da Fucamp, Monte Carmelo, v. 19, n. 42, p. 35-47, 2020.
- LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. L. **A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023141, 2023. DOI: 10.21723/riaee.v18i00.17958. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958>. Acesso em: 4 abr. 2025.
- MACEDO, Eunice. A dança das pedagogias libertadoras no horizonte da inclusão educativa e social. **Práticas promissoras em contexto: transferibilidades de esperança com jovens e profissionais da educação**, 2024.
- MARIA DE CAMPOS CORRÊA, A.; DE OLIVEIRA, G.; DE OLIVEIRA, A. C. **O grupo focal na pesquisa qualitativa: princípios e fundamentos**. Revista Prisma, v. 2, n. 1, p. 34-47, 25 dez. 2021.
- MEDEIROS, Betha et al. **ACESSIBILIDADE. Narrativas diversas**, p. 108.
- OLIVEIRA, M. P. S.; DOS SANTOS, E. V.; RODRIGUES, M. R. D. S.; SILVA, L. A. **Dança e saúde: discutindo sobre os principais benefícios da dança nos aspectos psicológicos em mulheres**. Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu, [S. l.], v. 1, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/rescx/article/view/2737>. Acesso em: 4 abr. 2025.

PAIVA, Rebecca Ramos et al. **Dança e Síndrome de Down: Uma revisão sistemática**. Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada, v. 22, n. 1, p. 217-234, 2021.

PROSCÊNCIO, Patrícia Alzira; DELIBERATO, Débora. Interface da dança e educação especial. In: **DefSenV – Seminário do Grupo de Pesquisa Deficiências Físicas e Sensoriais**, Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, 18 e 19 mar. 2019. ISSN 2594-9802.

RECIFE (Município). **O que é o Compaz? COMPAZ - Centro Comunitário da Paz**, [s.d.]. Disponível em: <https://compaz.recife.pe.gov.br/o-que-e-o-compaz-0>. Acesso em: 4 abr. 2025.

SANTOS, Gabriela Oliveira dos. **Possibilidades metodológicas para o ensino da dança na educação física escolar: uma proposta para alunos do 8º ano do ensino fundamental II**. 2019. 78f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Orientadora: Profª. Drª. Verônica Werle. Coorientador: Prof. Dr. Marcos Rafael Tonietto. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/72336/GABRIELA%20OLIVEIRA%20DOS%20SANTOS.pdf?sequence=1>

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Conhecendo pessoas com deficiência psicossocial**. Palestra apresentada no evento "Autismo: Conhecer e Agir". Rio de Janeiro: OAB/RJ, Comissão dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 13 abr. 2012.

SEKI, Júlia Yukie. **Dança e deficiência: um olhar social e artístico para as experiências do Projeto SuperAção**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2021. Orientadora: Ana Maria Rodriguez Costas.

SILVA, Ediney Linhares da. **A inclusão social de jovens em projetos sociais relacionados à dança: uma breve revisão**. Essentia (Sobral) , v. 17, suplemento 1, p. 24–34, 2017.

Sousa, Athirson Pinheiro de; Oliveira, Evandro Nogueira de. **A dança como instrumento de inclusão de pessoas com deficiência: uma revisão**. Revista Encontros Científicos UNIVS , Icó-Ceará, v. 2, pág. 214–215, janeiro-junho. 2024.

TEIXEIRA, Ana Carolina Bezerra. **A estética da experiência: trajetórias do corpo deficiente na cena da dança contemporânea do Brasil e dos Estados Unidos**. 2016. 239 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro/Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

TEIXEIRA, Ana Carolina Bezerra. **Deficiência em cena: o corpo deficiente entre criações e subversões**. Trabalho apresentado no VI Congresso da ABRACE, 2018. Disponível em: <http://portalabrace.org/vicongresso/pesquisadanca/Ana%20Carolina%20Bezerra%20Teixeira>

VIANNA, K. A Dança. São Paulo: **Summus**, 1999.

## 6. Apêndice A - Tabelas de Resultados das Entrevistas

TABELA 1 - EIXO TEMÁTICO: Inclusão e Pluralidade

| PARTICIPANTE         | FALA COMPLETA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | ASPECTOS OBSERVADOS                                                                |
|----------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|
| G.P. (idosa)         | “Inclusive até tinha falado pro professor, para incluir dança de salão porque é muito bom, não tem idade, todo mundo pode fazer, o jazz também, isso faz com que a gente conheça novas pessoas, fique interagindo, sabendo que todo mundo tem um limite mas pode fazer. Aí é muito bom, porque você fica mais alegre e disposta em casa, com música, pra autoestima da gente é bom.”                                       | Interação social, diversidade de perfis, fortalecimento da autoestima.             |
| J.G. (idosa)         | “O professor desenvolve um trabalho maravilhoso e o acolhimento que o COMPAZ passa pra gente é tremendo, e esse acolhimento melhora nossa autoestima.”                                                                                                                                                                                                                                                                     | Acolhimento institucional, valorização do corpo idoso, inclusão afetiva.           |
| P.D. (adulta)        | “Eu acho assim, que a dança faz parte da gente desde pequeno, tanto que quando a gente é pequeno qualquer batuque que escuta já quer se requebrar, a realidade é essa né? A dança já faz parte do cotidiano da vida da gente. Aí assim, a gente vai despertando o que a gente deseja em relação à dança, se quer ficar ou se quer sair. No meu ver a dança é uma coisa prazerosa, a gente se sente mais elevada no geral.” | Naturalidade do movimento, pertencimento simbólico, dança como linguagem fundante. |
| B.M. (jovem autista) | “Eu procurei a dança pra me sentir livre.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Dança como espaço de liberdade subjetiva e expressão neurodivergente.              |
| H.P. (professor)     | “Eu dou exatamente a mesma aula que aplico nas minhas academias particulares, mas no Compaz preciso deixar a aula mais diluída, para que os participantes tenham a oportunidade de aprender culturalmente a dança que                                                                                                                                                                                                      | Adaptação metodológica, valorização da diversidade, compromisso com a inclusão.    |

|               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                              |
|---------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|
|               | estão praticando. O Compaz não tem foco no rendimento físico da prática da dança e sim cultural e biopsicossocial.”                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                              |
| V.P. (gestão) | “Acreditamos na potencialidade que essa dança é transformadora. Ter esses participantes inseridos nas suas diversas modalidades de dança, que tem uma qualidade, tem barra, tem espelho, tem um professor qualificado e para além disso abrir o espaço para comunidade, para que a comunidade também possa ocupar com suas diversas modalidades. Pra gente, dança é vida.” | Inclusão como política pública, acesso ampliado, valorização da diversidade. |
| V.P. (gestão) | “A gente vê com relação aos pais o orgulho de ver seus filhos fazendo uma aula que eles não poderiam fazer se fosse numa instituição privada, e aqui a gente oferece gratuitamente.”                                                                                                                                                                                       | Democratização do acesso, inclusão social via política cultural.             |
| V.P. (gestão) | “Primeiro é eles entenderem que eles têm condições de ter um espaço digno e que são protagonistas desse lugar, que precisa zelar para manter esse lugar por muito mais tempo. Percebemos como um processo de transformação social.”                                                                                                                                        | Protagonismo comunitário, pertencimento, responsabilidade coletiva.          |

Tabela 1 - Síntese Completa dos Resultados das Entrevistas Fonte: Autora (2025)

TABELA 2 - EIXO TEMÁTICO: Bem-estar Físico, Emocional e Social

| PARTICIPANTE | FALA COMPLETA                                                                                                                                                                                                                                                                                               | ASPECTOS OBSERVADOS                                                        |
|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|
| M.N. (idosa) | “Eu sempre gostei de dançar e atualmente fiquei um pouco entredada então eu quis dar continuação, para desentruavar, que eu faço hidro também. Eu sempre gostei e melhora a vida da gente, né? Os nervos, os joelhos, a gente vai ficando ‘jovem’, vai encolhendo tudo e travando tudo e a gente tem que se | Recuperação física, movimento como antídoto ao envelhecimento, autoestima. |

|               |                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                           |
|---------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|
|               | movimentar para fazer o sacolejo.”                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                           |
| J.G. (idosa)  | “Eu faço Jazz, tive uma melhora absurda no joelho, conheci um novo grupo de pessoas [...] O ponto X foi essa melhora no joelho, eu me sentia travada, mas me deu uma alegria fazer as aulas e ver que meu corpo melhorou.”                                                    | Reabilitação física, resgate do prazer, saúde emocional.                                  |
| J.G. (idosa)  | “Aqui você esquece dos problemas, é uma atividade que exige atenção né?”<br>“A dança liberta você de problemas.”                                                                                                                                                              | Redução do estresse, foco no presente, alívio emocional.                                  |
| P.D. (adulta) | “No meu ver a dança é uma coisa prazerosa, a gente se sente mais elevada no geral.”                                                                                                                                                                                           | Prazer estético, elevação emocional, pertencimento simbólico.                             |
| R.B. (jovem)  | “Sim, tira o foco dos problemas, quando a gente vem pra cá precisa dar atenção à aula de dança.”<br>“Eu estava precisando de atividades que me trouxessem bem-estar e satisfação.”                                                                                            | Regulação emocional, lazer saudável, respiro no cotidiano estressante.                    |
| C.B. (mãe)    | “Quando passa um dia da aula de dança, ela já fica perguntando: ‘Mainha, é hoje é?’ ‘Eu vou quando?’ [...] essas atividades me deixam muito feliz e satisfeita.”                                                                                                              | Melhora no convívio familiar, bem-estar ampliado, alegria da filha como reforço materno.. |
| P.C. (gestão) | “Acho que a dança é uma das principais atividades físicas que trabalha corpo e mente. [...] Não é uma terapia, mas é terapêutico. Então ela mexe com o espírito, mexe com a mente e além disso tudo ela está mexendo com nosso corpo, trazendo bem-estar, qualidade de vida.” | Dança como recurso de saúde integral: mente, corpo e espírito.                            |
| P.C. (gestão) | “Temos as pessoas idosas que vêm pra cá se divertir, fazer amigos, cuidar da saúde. Já relataram pra gente que estavam em depressão [...] hoje dizem ser outra pessoa. A dança provoca um bem-estar completo, físico e                                                        | Superação de quadros depressivos, saúde emocional e física, impacto terapêutico.          |

|  |          |  |
|--|----------|--|
|  | mental.” |  |
|--|----------|--|

Tabela 2 - Síntese Completa dos Resultados das Entrevistas Fonte: Autora (2025)

## **7. Apêndice B - Normas utilizadas no artigo**

### Condições para submissão na Revista Cena

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, justifica-se em "Comentários ao Editor".

Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF (desde que não ultrapasse os 2MB)

Todos os endereços de páginas na Internet (URLs), incluídas no texto (Ex.: <http://www.ibict.br>) estão ativos e prontos para clicar.

O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores, na seção Sobre a Revista.

A identificação de autoria deste trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em Assegurando a Avaliação por Pares Cega.

### Diretrizes para Autores

A Cena é aberta a professores e pesquisadores, doutores ou doutorandos em Artes Cênicas e áreas conexas. Submissões de mestres ou de mestrandos bem como de graduados serão avaliadas desde que em co-autoria com seus orientadores ou pesquisadores doutores. Exceções serão possíveis, eventualmente, de acordo com a decisão dos Editores. Cena compõe-se das seguintes seções:

**Artigos originais:** trabalhos resultantes de pesquisa acadêmica. Sua estrutura deve atender a um formato reconhecido na área de conhecimento específica (Artes) e deve conter pelo menos os seguintes itens: Introdução; Bases Teóricas; Abordagens Metodológicas; Considerações. Serão aceitos artigos originais escritos em espanhol sem a necessidade de tradução.

**Conexões:** artigos não-inéditos, escritos originalmente em outro idioma que não o português e o espanhol, traduzidos para o português.

Entrevistas: trabalhos resultantes de entrevistas realizadas com personalidades das artes (diretores, atores, coreógrafos, bailarinos, etc.). Sua estrutura deve conter uma introdução, na qual se apresenta o entrevistado e a seguir, entrevista transcrita e revisada. Sugere-se uma conclusão final e referências citadas ao final (de espetáculos, eventos, sites entre outras).

Ensaio: seção destinada a artigos de revisão e/ou reflexão sobre um determinado tema ou trabalho cênico, apontando para possíveis conclusões e/ou novas interpretações, sem ter a necessidade de sustentação em base empírica.

Resenhas: seção destinada a análises críticas de obras que tenham sido lançadas recentemente ou livros clássicos reeditados que tenham relação direta com o escopo da revista. Não serão aceitos manuscritos sobre obras de qualquer natureza (lançamento ou reedição) que já possuam resenha publicada.

As seções Ensaio e Resenhas terão sua publicação conforme decisão da Comissão Editorial.

As submissões deverão obedecer aos seguintes requisitos:

1. Texto inédito no Brasil, não tendo sido publicado em outro periódico científico ou livro e que aborde quaisquer dos diversos aspectos das artes cênicas sob a forma de artigo, ensaio, crítica ou atualização bibliográfica, resenha de livro ou hiperlink.
2. O envio de todas as submissões deverá ser feito através da plataforma eletrônica <http://seer.ufrgs.br/cena>
3. Os trabalhos serão submetidos à avaliação de dois pareceristas. O autor será informado da necessidade de alterações ou adaptações no texto, caso sejam solicitadas nos pareceres.
4. Os trabalhos devem apresentar as seguintes características: devem ser escritos em fonte Arial 11; folha A4; espaçamento entre linhas 1,5; margem superior, inferior, direita e esquerda 2,5cm. Os artigos e ensaios devem ter extensão de 20 a 40 mil caracteres com espaço. As entrevistas devem ter extensão de 15 a 30 mil caracteres com espaço. As resenhas e críticas, de 3.500 a 5 mil caracteres com espaço.
5. A primeira página do texto deve conter o título do trabalho centralizado, negrito e espaçamento simples. Abaixo, o título em inglês, com a mesma formatação. Ambos em letra 14. O título deve estar em caixa baixa, com apenas a palavra inicial ou nomes próprios em letra maiúscula. O subtítulo, quando houver, deverá vir com a primeira palavra iniciando em letra minúscula.

6. Os artigos devem conter Resumo e Abstract com no máximo 300 palavras, espaçamento simples e em um único parágrafo. A seguir, devem constar as palavras-chave e keywords (mínimo de três e máximo de cinco, separadas por ponto, com primeira letra em maiúscula). O resumo deve ser escrito no impessoal, com a seguinte estrutura, dentro do possível: tema do texto, objetivo(s), questão(ões), metodologia e conclusões.
7. Para citações bibliográficas, usar os seguintes sistemas: citação direta: (Autor, data, página) e citação indireta: (Autor, data).
8. Citações com até três linhas devem aparecer no corpo do texto, entre aspas. Citações com quatro ou mais linhas devem vir em bloco, espaçamento simples, fonte Arial 10, recuado 4cm da margem esquerda do texto.
9. Ilustrações e tabelas devem ser numeradas em arábico na ordem em que aparecem no texto. Para cada uma, indicar em tamanho de fonte 10, acima, as palavras Figura 1 ou Tabela 1 seguidas de seus respectivos títulos e separadas por traço (-). Abaixo da imagem ou tabela, em tamanho 10, indicar a palavra Fonte, seguida de dois pontos, e texto respectivo e/ou autoria.
10. Quando a citação direta apresentar destaque diferente do original deve ser inserido grifo nosso após a numeração da página, como (Santos, 2008, p. 10, grifo nosso). Quando o destaque estiver na referência original é obrigatório colocar grifo do autor, como (Santos, 2008, p. 10, grifo do autor). O mesmo deve acontecer em caso de tradução, inserindo tradução nossa (Santos, 2008, p. 10, tradução nossa). No caso de tradução é opcional colocar o texto original na nota de rodapé.
11. As referências devem aparecer no final do texto, em ordem alfabética, sob o título Referências em negrito e devem obedecer às normas da ABNT. Os títulos colocados nas referências são apenas as referências citadas. As referências estarão ao final do artigo, na forma de listagem, em ordem alfabética corpo 11, alinhadas pela esquerda, espaço simples. Entre as referências deve constar um espaço. Os títulos das publicações nas referências serão em itálico. Quando se repetir o nome do autor nas referências: usar 6 tracejados \_\_\_\_\_. Certifique-se que todos os endereços de páginas na Internet (URLs), incluídas no texto, estão em preto.
12. No caso de entrevista, usar o primeiro nome é apenas um sobrenome extenso do entrevistador e entrevistado, sem recuo de parágrafo para a resposta do entrevistador.
13. O (s) nome(s) do(s) autor(es), bem como seu(s) vínculo institucional(is) devem constar somente nos metadados, assim como o número do ORCID (ver em <https://orcid.org/>). No texto propriamente dito não pode haver nenhuma forma de identificação de autoria.

14. Os textos devem passar por uma revisão ortográfica e das normas da revista, realizada por um profissional habilitado. Caso necessitem de indicação de revisores enviar e-mail para Revista Cena.

15. Cada um dos autores e do/as co autores podem ter apenas um texto em processo de avaliação na revista. Devendo ser respeitado o intervalo de 12 meses entre a publicação de um/a (co)autor/a e a realização de uma nova submissão para avaliação.

ATENÇÃO: Para a submissão de artigo para a Revista Cena é preciso fazer login em nosso sistema e no canto direito da aba "Página do Usuário" encontrará a opção "Nova Submissão". Caso essa opção não apareça para você, aconselhamos entrar no seu perfil e verificar se a opção "Autor" está marcada, caso ela não esteja, marque-a e salve as modificações. Voltando para a página de usuário aparecerá a opção "Nova Submissão" e então é só seguir os passos que ali indicam.

#### Declaração de Direito Autoral

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.

Os artigos são de acesso aberto distribuídos sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>>.

Os autores podem publicar seus trabalhos on-line em repositórios institucionais / disciplinares ou nos seus próprios sites.

---

## 8. Apêndice C - Roteiro da roda de diálogo

**Roteiro de Roda de Diálogo – TCC: Dança como ferramenta de inclusão e bem-estar: um estudo sobre o impacto das aulas de dança no Compaz do Ibura (Recife)**

**(Duração: 30 minutos | Foco: Vivências coletivas no Compaz/Ibura)**

### 1. Introdução (5 minutos)

- Contexto breve: Explicar o propósito da pesquisa

Este estudo tem como objetivo analisar o impacto das aulas de dança no Compaz do Ibura (Recife) como ferramenta de inclusão social, elevação da autoestima e promoção do bem-estar, buscando responder: de que forma a dança, enquanto prática coletiva, pode favorecer processos de inclusão em contextos multidimensionais, contribuir para o bem-estar físico, emocional e social dos participantes e superar barreiras sociais por meio de vivências artísticas compartilhadas?

- Regras: Enfatizar que não há respostas certas/erradas e que todos podem contribuir como se sentirem confortáveis.

Bloco 1: Aplicado para participantes da Aula de dança

#### 1. Inclusão e pluralidade:

"O que te fez procurar as aulas de dança no COMPAZ?"

#### 2. Bem-estar físico, emocional e social:

"Em dias difíceis, a dança te ajuda a lidar com algo?"

Bloco 2: Aplicado para o professor

#### 1. Inclusão e pluralidade e 2. Bem-estar físico, emocional e social: :

"Como você cria atividades para que todos, com corpos e habilidades diferentes, se sintam capazes de dançar?"

Bloco 3: Aplicado para: Gestão do COMPAZ

#### 1. Inclusão e pluralidade e 2. Bem-estar físico, emocional e social: :

"Por que a dança foi escolhida como atividade no Compaz?"

"Que mudanças vocês observam nos participantes que frequentam as aulas há mais tempo?"

## 9. Apêndice D- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Título do Projeto:

Dança como ferramenta de inclusão e bem-estar: um estudo sobre o impacto das aulas de dança no Compaz do Ibura (Recife)

Pesquisadora: Andressa Laysa Queiroz Ribeiro

Orientadora: Ana Marques

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Contato: andressa.laysa@ufpe.br

### 1. OBJETIVO DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como as aulas de dança no Compaz do Ibura promovem inclusão social, bem-estar físico e emocional para participantes de diferentes idades e perfis (jovens, adultos, idosos e neurodivergentes).

### 2. PROCEDIMENTOS

Você será convidado(a) a participar de:

Roda de diálogo (cerca de 30 minutos) – para compartilhar sua experiência.

### 3. BENEFÍCIOS

Sua participação ajudará a:

Entender como a dança pode melhorar a vida das pessoas.

Fortalecer políticas públicas de arte e inclusão no Recife.

### 4. RISCOS

Não há riscos previstos. Caso algum tema te deixe desconfortável, você pode pausar ou interromper sua participação a qualquer momento.

### 5. CONFIDENCIALIDADE

Seu nome e identidade não serão revelados.

Os dados serão armazenados com segurança e usados apenas para fins acadêmicos.

### 6. USO DE IMAGENS (FOTOS/ VÍDEOS)

( ) SIM, autorizo o uso de imagens minhas ou das aulas apenas para apresentações acadêmicas e publicações científicas, sem identificação pessoal.

( ) NÃO autorizo o uso de imagens.

### 7. PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

Você pode desistir quando quiser, sem nenhuma consequência.

## 8. DÚVIDAS

Se precisar de mais informações, entre em contato:

E-mail: [andressa.laysa@ufpe.br](mailto:andressa.laysa@ufpe.br)

## DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do  
RG/CPF nº \_\_\_\_\_, declaro que:

- Fui informado(a) sobre a pesquisa e concordo em participar.
- Entendi que posso desistir a qualquer momento.
- Autorizo o uso dos dados coletados apenas para fins acadêmicos.

Assinatura do(a) Participante ou responsável legal:

\_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Assinatura da Pesquisadora:

\_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

## 10. Apêndice E - Termo de autorização institucional

Projeto de Pesquisa:

*"Dança como ferramenta de inclusão e bem-estar: um estudo sobre o impacto das aulas de dança no Compaz do Ibura (Recife)"*

Pesquisadora Responsável:

Andressa Laysa Queiroz Ribeiro (UFPE)

Contato: andressa.laysa@ufpe.br

### 1. OBJETIVO DA PESQUISA

A presente pesquisa visa analisar os impactos biopsicossociais das aulas de dança oferecidas no Compaz Ibura, com foco em:

- Promoção de inclusão social
- Melhoria da autoestima e bem-estar dos participantes
- Estratégias pedagógicas para turmas mistas

### 2. SOLICITAÇÕES À INSTITUIÇÃO

O Compaz Ibura autoriza, em caráter temporário e não comercial:

Realização de rodas de diálogo com alunos, professores e gestores

Observação não participante das aulas regulares

Acesso a dados secundários (ex.: número de matriculados, faixa etária)

### 3. COMPROMISSOS DA PESQUISADORA

Respeito ao horário e dinâmica das aulas

Sigilo absoluto sobre dados institucionais

Devolução dos resultados à instituição após conclusão

### 4. USO DE IMAGENS

( ) Autorizado o registro fotográfico/videográfico sem identificação de participantes

( ) Não autorizado o uso de imagens das dependências

### 5. VIGÊNCIA

Período: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2025 a \_\_\_\_/\_\_\_\_/2025

### DECLARAÇÃO INSTITUCIONAL

O Compaz Ariano Suassuna - Ibura, representado por:

Nome: \_\_\_\_\_

Cargo: \_\_\_\_\_

CPF/CNPJ: \_\_\_\_\_

Concorda com a realização da pesquisa nas dependências da unidade, mediante as condições acima.

Assinatura/Carimbo:

---

Data: \_\_\_\_/ \_\_\_\_/2025

Recife, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2025.